DOI: 10.29327/5923968.1-4

A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA EM TEMPOS MEDIADOS PELA URGÊNCIA: COMO CONCILIAR FORMAÇÃO, WHATSAPP E BOA CONVIVÊNCIA

Fabiano Carneiro[1]
Ana Cristina Ghisleni[2]

Resumo: A pesquisa analisou a gestão da relação escola-família no Colégio Loyola, diante do impacto da cultura digital e da mercantilização da educação. O objetivo foi verificar como a escola lida com a participação das famílias em um ambiente em que os espaços oficiais de diálogo são constantemente questionados e as informações circulam com rapidez, sem autoria definida e, muitas vezes, sem compromisso com a veracidade. A investigação foi qualitativa, com o objetivo de buscar detalhes sutis da relação escola e família escondidos no cotidiano dos atores que protagonizam essa vivência. A pesquisa configurou-se como um estudo de caso, e a coleta de dados ocorreu mediante análise documental, entrevistas semiestruturadas com gestores e grupos focais que reuniram famílias, gestores e membros da equipe de comunicação da escola. Constatamos que a comunicação não é estratégica e que há lacunas importantes nas diretrizes institucionais. Sugerimos que a escola defina limites, regras e ofereça formação para famílias, considerando o mundo digital, e coloque a comunicação no centro da gestão.

Palavras-chave: comunicação escola e família; uso do WhatsApp pelos pais dos alunos; cultura digital; mercantilização da educação.

1. Introdução

O presente artigo apresenta alguns aspectos da pesquisa realizada no Mestrado Profissional em Gestão Educacional, cujo foco foi a gestão da

1 Colégio Loyola, Belo Horizonte/MG, Brasil. Mestre em Gestão Educacional. E-mail: fabiano carneiro@loyola.g12.br | ORCID: https://orcid.org/0009-0004-5910-3423

2 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Porto Alegre (RS). Doutora em Educação. Professora e pesquisadora do PPG em Gestão Educacional - Mestrado Profissional. E-mail: acghisleni@unisinos.br | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1877-8182

relação entre escola e famílias no Colégio Loyola, integrante da Rede Jesuíta de Educação (RJE). O estudo se desenvolveu em um contexto escolar marcado pela comunicação instantânea via WhatsApp (cultura digital), pela mercantilização da educação e pela emergência de ideologias conservadoras. A gestão interna das escolas particulares passa, necessariamente, pela forma como essas relações e comunicações se estruturam. Esse cenário impõe desafios que, se não forem enfrentados, podem comprometer a autonomia curricular e a sustentabilidade financeira, tornando urgente a reflexão sobre esse tema estratégico.

2. Apresentação do tema, do problema e dos objetivos específicos

O objetivo geral foi analisar como a escola lida com a participação das famílias em um ambiente no qual os espaços oficiais de diálogo são constantemente questionados e as informações circulam com rapidez, sem autoria definida e, muitas vezes, sem compromisso com a veracidade. A partir desse objetivo, buscamos: (i) analisar os tipos de comunicação estabelecidos entre escola e famílias e sua efetividade; (ii) verificar as peculiaridades dessa relação no Colégio Loyola; (iii) compreender as práticas de envolvimento propostas e aquelas efetivamente vividas; (iv) identificar práticas de gestão que impactam o clima escolar; (v) propor espaços de formação e participação das famílias que contribuam para organizar os grupos de WhatsApp e melhorar os fluxos de comunicação, fortalecendo a responsabilidade institucional.

3. Contextualização do lócus da pesquisa e da atuação do pesquisador

Para analisar especificamente a gestão da relação entre as escolas e as famílias, voltamos o olhar para uma unidade da RJE que lida com esse imenso desafio: o Colégio Loyola de Belo Horizonte. Nossa escolha justificou-se pela facilidade de acesso aos dados do colégio, por conhecê-lo muito bem e pelo fato de a escola estar inserida no modelo educacional atualmente existente, o qual impõe demandas externas que não podem ser desconsideradas pela escola, nem tampouco podem ser aceitas passivamente.

Em termos de nicho de mercado, o Colégio Loyola concorre com grandes e tradicionais escolas confessionais, com unidades ligadas aos gigantescos conglomerados multinacionais. Essas conglomerações, por sua vez, investem cada vez mais em educação básica, por meio de redes locais que já ganharam projeção nacional e são, hoje, para o senso comum, sinôni-

mo de educação de qualidade, devido ao êxito apresentado nas avaliações externas de larga escala. Mesmo tratando-se de uma grande e tradicional escola, o Colégio Loyola teve de adequar-se às desafiadoras demandas reveladas por esse cenário de competição. Isso significou a gradual profissionalização dos processos administrativos e a adoção de modelos de gestão estratégica que contrastaram com o antigo modelo de gestão mais doméstico, que, a seu tempo, soube responder bem aos desafios que encontrou, mas que se mostra obsoleto, atualmente, para lidar com as demandas contemporâneas das escolas particulares confessionais no Brasil.

4. Apresentação e explicitação dos referenciais bibliográficos que dão sustentação ao texto

As expectativas das famílias em relação ao papel da educação, suas formas de organização, as pressões do mercado e a ascensão de ideologias conservadoras colocaram a comunicação no centro da gestão escolar, quase como uma condição de sustentabilidade. Ignorar as demandas surgidas nos grupos de WhatsApp pode comprometer essa relação. Contudo, mergulhar nesses ambientes requer cautela, já que são espaços marcados por imediatismo, superficialidade, conflitos e pouca abertura ao diálogo construtivo.

Em termos de fundamentação teórica, baseamo-nos na definição dada à educação por Paro (2014, p. 23-34),

> [...] Podemos começar por dizer que, em seu sentido mais amplo, *a educação consiste na apropriação da cultura*. Esta, entendida também de forma ampla, envolve conhecimentos, informações, valores, crenças, ciência, arte, tecnologia, filosofia, direito, costumes, tudo enfim que o homem produz em sua transcendência da natureza. À natureza (tudo aquilo que existe independentemente da vontade e da ação dos homens) contrapõe-se a cultura (tudo o que o homem produz ao fazer história).

A educação é a porta de entrada no mundo humano e na cultura. No entanto, sob a lógica neoliberal, ela reduz-se à satisfação de desejos individuais e à submissão à economia. Sem compromisso político com a coletividade, transforma-se em mero serviço ou mercadoria. De acordo com Laval (2021, p. 109),

> [...] A representação da educação dada pelo neoliberalismo pode parecer de uma simplicidade bíblica: como toda atividade, pode ser aproximada a um mercado concorrencial, no qual empresas ou quase empresas especializadas na produção de serviços educacionais, submetidas aos imperativos do rendimento, têm

> a finalidade de atender aos desejos de indivíduos livres em suas escolhas mediante o fornecimento de mercadorias ou quase mercadorias. Essa concepção quer que se admita como evidente que as instituições sejam "conduzidas" pelas demandas individuais e pelas necessidades locais de mão de obra, e não por uma lógica política de igualdade, solidariedade ou redistribuição em escala nacional. Nesse novo modelo, educação é considerada um bem de capitalização privada.

Somando-se os elementos da cultura digital – que, regida por algoritmos, serve a interesses financeiros e ideológicos (Ruiz, 2021) –, as ideologias reacionárias, hoje hegemônicas (Apple, 2000), e a mercantilização da educação (Laval, 2021), forma-se uma "tempestade perfeita". Seus efeitos fortalecem o senso comum e as *fake news*, tornando-os critérios centrais na escolha das famílias e na relação com a escola. Como antídoto, a comunicação precisa ser assumida como uma dimensão estratégica da gestão escolar.

5. Apresentação e explicitação dos referenciais metodológicos da pesquisa

A investigação adotou uma abordagem qualitativa, buscando captar nuances da relação escola-família presentes no cotidiano dos sujeitos envolvidos. Procedimentalmente, configurou-se como estudo de caso, tendo como campo o Colégio em que atuo profissionalmente. Essa escolha permitiu analisar com maior profundidade a gestão da relação com as famílias. Para tanto, realizamos uma rigorosa análise documental dos textos que orientam a educação jesuíta, bem como da Proposta Pedagógica e do Regimento Escolar da instituição. Além disso, recorremos a entrevistas semiestruturadas com quatro gestores e à organização de dois grupos focais, com até dez participantes cada, reunindo famílias, gestores e a equipe de comunicação. Um grupo envolveu gestores e a equipe de comunicação, e o outro, gestores e famílias, dos quais alguns participantes também foram selecionados para entrevistas, conforme disponibilidade.

6. Percurso investigativo, contemplando o levantamento e a análise dos dados

Elegemos quatro documentos para a pesquisa: o *Tradição Viva* (ICAJE, 2019), último grande texto universal da pedagogia inaciana; o *Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação* (Rede Jesuíta de Edu-

cação, 2021); o Projeto Político-Pedagógico (PPP) (Colégio Loyola, 2023a) e o *Regimento Escolar do Colégio Loyola* (Colégio Loyola, 2023b). A análise, conduzida do mais universal ao mais particular, revelou mais ausências do que abordagens diretas ao objeto da pesquisa.

Ainda assim, o Tradição Viva e o PEC evidenciam que a identidade da educação jesuítica, embora alicerçada em valores sólidos, mantém-se aberta às inovações exigidas pelos contextos atuais. Enfrentar de frente os desafios contemporâneos – como a velocidade da comunicação, a proliferação de versões distintas, *fake news* e o risco do "cancelamento" virtual – significa permanecer fiel ao espírito original de Inácio de Loyola, que convocava a enfrentar cada tempo com criatividade e coragem.

Já no PPP, identificamos a falta de detalhamento das práticas de envolvimento das famílias, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental, o que pode refletir lacunas também nas práticas cotidianas de comunicação. O Regimento Escolar, por sua vez, mostrou-se igualmente omisso em relação ao tema, sinalizando a necessidade de repensar processos que não respondem adequadamente às novas formas de organização das famílias e às atuais demandas da relação com a escola. No documento, o Capítulo VIII é dedicado ao Setor de Comunicação Institucional e chama a atenção por ter apenas um pequeno artigo (Artigo 57) que declara o seguinte:

> O Setor de Comunicação Institucional está subordinado à Direção Geral e tem como objetivo promover a comunicação integrada entre diferentes áreas e setores do Colégio, promover a integração com os estudantes, as famílias, a comunidade do entorno e outras obras da Companhia de Jesus (Colégio Loyola, 2023b, p. 17).

Dada a importância que a comunicação ganhou no contexto atual, era de se esperar um maior detalhamento do Setor de Comunicação. Não são informados os canais oficiais de comunicação do Colégio, tampouco suas regras de uso. Essa ausência abre espaço para o surgimento de problemas que emergem das redes sociais e dos grupos de aplicativos de troca de mensagens.

Os grupos focais com famílias, gestores e equipe de comunicação constituíram a principal fonte de dados da pesquisa. Embora o roteiro fosse praticamente o mesmo, cada grupo desenvolveu a discussão de forma singular. No primeiro, que reuniu famílias e gestores, destacou-se a forte participação das famílias, o que já era esperado diante da temática, como se observa na matriz de adjacências apresentada no **Quadro 1**. Os nomes destacados em **negrito** (Joséphine, Jean, Cosette e Simplice)[3] referem-se aos gestores do Colégio; os demais participantes são representantes das fa-

3 Para garantir o anonimato dos participantes, nos Quadros 1 e 2, foram escolhidos pseudônimos inspirados, aleatoriamente, em personagens da obra literária *Os Miseráveis*, de Victor Hugo.

mílias (cinco mães e um pai). O **Quadro 1** apresenta, por linha, os iniciadores de uma comunicação e, por coluna, os destinatários. Os lançamentos de perguntas por parte do pesquisador não foram levados em conta, já que se destinavam a todos os participantes do grupo focal. As falas que não se destinavam a um participante específico foram classificadas como destinadas ao pesquisador:

Quadro 1 – Matriz das adjacências do grupo focal com gestores e famílias

	Pesquisador	Myriel	Baptistine	Magloire	Fantine	Favourite	Dahlia	**Joséphine**	**Jean**	**Cosette**	**Símplice**	**Total de emissões**
Pesquisador	X	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	**0**
Myriel	1	X	4	0	2	0	1	0	2	0	0	**10**
Baptistine	3	4	X	1	0	1	4	1	1	1	0	**16**
Magloire	1	0	0	X	2	1	0	1	0	0	0	**5**
Fantine	1	3	0	1	X	3	3	0	0	0	1	**12**
Favourite	2	0	4	0	1	X	0	0	2	0	0	**9**
Dahlia	5	1	2	0	2	0	X	0	1	0	0	**11**
Joséphine	2	0	2	0	0	0	1	X	0	0	0	**5**
Jean	1	1	0	0	2	1	1	1	X	0	1	**8**
Cosette	1	0	0	0	0	0	0	0	0	X	0	**1**
Símplice	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	X	**3**
Total de recepções	**20**	**9**	**12**	**2**	**9**	**6**	**10**	**3**	**6**	**1**	**2**	**X**

Fonte: produção nossa

O **Quadro 1** evidencia que as interações do grupo focal se concentraram nas famílias: média de recepções de 8 contra 3 dos gestores; emissões de 10,5 contra 4,25. As famílias sentiram-se à vontade para falar sobre os grupos de WhatsApp, por serem parte concreta de seu cotidiano, enquanto os gestores adotaram postura mais receptiva, manifestando-se sobretudo quando o tema era os canais oficiais de comunicação do Colégio. Esse dado revela certo incômodo dos gestores em lidar diretamente com os grupos de WhatsApp.

De modo geral, o grupo discutiu experiências pessoais, reconhecendo benefícios e riscos desses grupos. Perguntados sobre seu papel, os pais destacaram: (i) ferramenta eficaz de troca de informações, especialmente sobre o "para casa"; (ii) espaço de relacionamento entre famílias; (iii) forma de conhecer os posicionamentos ideológicos dos outros pais; e (iv) meio de

aproximação entre famílias. Outras respostas apresentaram variações desses mesmos pontos. Sintetizando ainda mais as respostas, estas apontaram para duas funções dos grupos de WhatsApp, muito bem ilustradas pelos excertos de falas de duas mães:

> *Eu acho que ele vai mudando de papel ao longo dos anos; quando os meninos são mais novinhos, ele serve muito para o para casa: tem para casa? Tem não sei o quê que o menino não fez, não olhou, não foi na aula... aí é os pais que assumem esse papel, no início, eu acho, entendeu!? (Magloire).*
>
> *[...] o que eu acho é que ele é uma forma de você se relacionar com os outros pais. Então a razão pela qual eu participo é porque eu gosto de me relacionar com os outros pais, eu gosto de saber quem são os pais, eu gosto de saber como pensam os pais (Fantine).*

Na fala dos pais, dois fatores foram apontados como principais entraves à comunicação com a escola: o mau uso do WhatsApp e a perda de contato direto com docentes trazida pela pluridocência no Ensino Fundamental II. A rapidez típica dos grupos de mensagens, muitas vezes, não acompanha o ritmo da comunicação formal da escola, gerando ruídos. O grupo, contudo, criticou o ritmo frenético desses espaços, reconhecendo que a escola não deve se adaptar a esse ritmo.

Quando o debate se voltou aos canais oficiais de comunicação, as respostas focaram mais na relação família–escola do que nos espaços de participação em si. As famílias consideraram os canais institucionais insuficientes, ainda que reconhecessem que disponibilizam as informações necessárias. Também criticaram a pressa da instituição em resolver polêmicas, revelando o desencontro entre o tempo escolar e o tempo digital – lacuna possivelmente associada à ausência de normas claras no Regimento Escolar.

Ao final, emergiu a constatação de que, mesmo as famílias engajadas, nunca tiveram acesso ao PPP e ao Regimento, o que não gerou incômodo, em razão da confiança na escola, mas que, em sentido mais amplo, indica a necessidade de maior publicidade desses documentos. A clareza quanto às prerrogativas institucionais pode favorecer uma comunicação mais assertiva e prevenir conflitos.

> O segundo grupo focal, com gestores e equipe de comunicação, seguiu roteiro semelhante, acrescentado de questões inspiradas no primeiro. Diferentemente do primeiro, as participações foram mais equilibradas entre os presentes.

No **Quadro 2** a seguir, Victurnien, Tholomyès e Babet representam a equipe de comunicação, sendo os demais gestores:

Quadro 2 – Matriz das adjacências do grupo focal com gestores e equipe de comunicação

	Pesquisador	Victurnien	Tholomyès	Babet	Javert	Joséphine	Jean	Símplice	**Total de emissões**
Pesquisador	X	0	3	0	0	2	0	2	**7**
Victurnien	1	X	2	1	0	1	1	1	**7**
Tholomyès	2	2	X	1	0	7	1	1	**14**
Babet	2	0	0	X	0	2	1	1	**6**
Javert	3	0	0	0	X	0	0	2	**5**
Joséphine	1	2	8	2	1	X	2	0	**16**
Jean	1	1	1	0	0	1	X	3	**7**
Símplice	1	0	0	1	1	2	2	X	**7**
Total de recepções	**10**	**5**	**14**	**5**	**2**	**15**	**7**	**10**	**X**

Fonte: produção nossa

Ao contrário do grupo com pais e gestores, mais centrado no uso geral dos grupos de WhatsApp, o grupo com gestores e equipe de comunicação apresentou, sobretudo nas primeiras falas, uma visão mais técnica e crítica. Reconheceu-se a importância das redes sociais e aplicativos de mensagens nos relacionamentos atuais, assim como os problemas gerados pela ausência de uma jurisdição adequada que regulamente esses novos cenários de convivência social no Brasil.

Há uma mudança drástica no cenário de convivência e interação das famílias:

> *[...] aquilo que era uma realidade antes física, que era os pais se encontrarem na porta da escola quando buscava o filho, conversavam ali, trocavam ideia, telefonavam uns para os outros, mas com o WhatsApp você agiliza isso e essa agilidade, ela pode ser perniciosa porque ela não permite a reflexão, o aprofundamento e um compartilhamento mais racional das percepções, dos sentimentos; é muito imediatista, é muito de reagir, de reação sobre as coisas, sem reflexão né!?, então você imagina, é uma mão na roda um grupo de pais porque você tem todos os pais ali ao mesmo tempo, entre aspas, interagindo, mas sem processos de reflexão e de compartilhamento com mais racionalidade, mais calma, mais tempo que poderia haver quando você tem uma reunião, né!? (Victurnien)*

Um membro da equipe de comunicação observou que o próprio design do WhatsApp favorece polêmicas, disseminação de conteúdos falsos e

falas de ódio, induzindo, por si só, ao mau uso da ferramenta. Reconheceu-se que os grupos de WhatsApp são espaços de encontro e articulação das famílias, ainda não contemplados no PPP ou no Regimento, com potencial de vigilância sobre a escola. Surgiu, assim, a ideia de que a instituição deveria estabelecer regras básicas para o uso desses grupos, definir limites de atuação e, eventualmente, promover formação para alunos e pais sobre convivência no mundo digital. Também foi sugerido utilizar o WhatsApp como canal oficial de comunicação, aproveitando recursos institucionais da plataforma.

Ao discutir os canais oficiais de comunicação, constatamos que eles não atendem plenamente às demandas das famílias, havendo multiplicidade de plataformas, falta de clareza nos processos internos e a necessidade de estudo sobre quais meios são efetivamente acessados. A equipe de comunicação cuida das redes e do marketing, enquanto a comunicação pedagógica é feita pelas equipes docentes. A ausência de normas claras sobre comunicação no PPP e no Regimento contribui para a desinformação e polêmicas nos grupos de WhatsApp.

As entrevistas com gestores completaram os dados dos grupos focais, destacando reuniões pedagógicas, atuação de orientadores, uso do aplicativo Meu EduCONNECT, do Teams e das redes sociais oficiais como estratégias para envolver famílias. Observou-se, de forma unânime, que tornar a proposta pedagógica da escola conhecida é essencial para o engajamento familiar. Os gestores reconheceram que canais tradicionais, como telefone e e-mail, funcionam bem, mas carecem de organização e de avaliação empírica quanto à sua efetividade.

O grande desafio identificado foi o desconhecimento, por parte de muitas famílias, da identidade institucional do Colégio e da Pedagogia Inaciana. A comunicação interna fragmentada e a falta de compartilhamento do PPP contribuem para alimentar a desinformação e polêmicas nos grupos de WhatsApp, prejudicando o clima escolar. Em síntese, a comunicação não é tratada de forma estratégica pela escola, o que compromete o fluxo de informações e a organização dos diversos setores.

Mergulhar nos documentos que atualizam a tradição educativa da Companhia de Jesus mostrou-nos que o modo jesuítico de educar ancora-se em princípios e valores que enfrentam os maiores desafios à educação, exigindo ousadia e criatividade. No cenário atual, marcado pela rapidez das redes sociais e aplicativos de mensagens, dar-se a conhecer tornou-se condição essencial para reafirmar a identidade institucional e diferenciar-se no competitivo mundo das escolas particulares.

Ao ouvir famílias, gestores e equipe de comunicação, evidenciou-se a falta de assertividade na comunicação da escola, com grande opacidade, o que impede a participação plena das famílias. Processos internos pouco ágeis comprometem a circulação de informações entre setores, refletindo-se na co-

municação externa. O Regimento e o PPP tratam a comunicação de forma periférica, o que contribui para os ruídos observados nos grupos de WhatsApp.

As relações sociais migraram do espaço físico para o digital, e a escola precisa compreender a lógica desses novos ambientes. Embora o telefone e o e-mail ainda sejam usados, eles não substituem a rapidez e o dinamismo exigidos atualmente. Os grupos de WhatsApp das famílias surgem como espaços centrais de encontro, informação e interação, mas também de polêmicas, polarização e compartilhamento de notícias falsas, exigindo uma atuação prudente da escola.

7. Apresentação e detalhamento da proposta de intervenção

A tradição inaciana não dita procedimentos específicos, mas privilegia abertura e flexibilidade diante dos desafios do contexto. Ignorar os grupos de WhatsApp não resolverá os problemas; pelo contrário, é necessário criar estratégias criativas e inovadoras para lidar com esses espaços. A escola deve equilibrar a necessidade de regulamentação, orientação e formação da comunidade educativa com o risco de perda de autonomia e identidade, tendo em vista que o mundo digital é permeado por interesses econômicos e ideológicos que influenciam as interações.

Por isso, em nossa proposta de intervenção, a orientação oferecida foi trazer as famílias mais interessadas em participar da vida escolar dos filhos para espaços de formação sobre a identidade institucional, seguindo os passos descritos no quadro abaixo:

Quadro 3 – Proposta de intervenção

Ação	Responsáveis	Material
Eleição dos pais representantes	Direção acadêmica	Elaboração de um cronograma para o pleito; Peças de comunicação com a divulgação da eleição; Detalhamento de todo o processo no PPP com regras bem claras.
Formação dos pais representantes	Orientadores de aprendizagem e professores escolhidos pela direção	Textos identitários (PPP, Regimento Interno, PEC da RJE e Tradição Viva)
Escrita da carta de intenções com orientações para administração e funcionamento dos grupos de WhatsApp das famílias	Pais representantes	Espaço para escrita coletiva do documento

Fonte: produção nossa

O primeiro passo de nossa proposta de intervenção é a acolhida a uma sugestão que apareceu no primeiro grupo focal: a criação da figura dos pais representantes, nos mesmos moldes aplicados pelo Colégio para a escolha de alunos representantes de turma. Cada uma das turmas do 6º e do 7º ano teria um pai ou mãe representante, eleito(a) pelos próprios pares. Para maior envolvimento das famílias, a sugestão é que a própria Direção Acadêmica do Colégio se responsabilize pela organização e realização das etapas do pleito eleitoral: registro de candidaturas, campanhas eleitorais, votação e apuração dos resultados. Textos da escola que definam claramente o papel e a atuação desses representantes devem constar no PPP e servir como marco legal da figura do pai representante.

Retomando o que sugere o número 102 do PEC da RJE, "[...] é necessário promover e desenvolver um Programa de Liderança Inaciana para os pais" (Rede Jesuíta de Educação, 2021, p. 57). O segundo passo de nossa proposta, portanto, é a elaboração de um programa de formação inaciana para os representantes de pais que forem eleitos. Os principais subsídios desse programa de formação seriam, justamente, os quatro textos escolhidos para a nossa análise documental nesta pesquisa.

A condição de possibilidade para a utilização do PPP e do Regimento Interno, nesse programa de formação de lideranças, é o detalhamento e aprofundamento do item "Comunicação", presente nesses documentos. Uma segunda condição é o registro, no PPP e no Regimento Interno, do programa de formação que se pretende oferecer aos representantes, além da própria formalização, como dito anteriormente, da figura do pai representante. Esse programa de formação deverá ter, pelo menos, dez horas de carga horária; priorizar encontros presenciais; e envolver não só orientadores de aprendizagem, mas também professores.

O terceiro e último passo de nossa proposta de intervenção é a elaboração, pelos pais representantes, de uma carta de intenções que traga orientações e regras sobre a criação e a administração dos grupos de WhatsApp dos pais, tarefa caracterizada como um trabalho de conclusão do programa de formação inaciana oferecido pelo colégio. Esse documento deve ser submetido à equipe diretiva do colégio e aprovado por ela antes de ser divulgado.

Os pais representantes seriam os responsáveis por divulgar essa carta e atuar como uma ponte e filtro entre os grupos de WhatsApp e o colégio. Outras atribuições que ajudem a qualificar a comunicação entre a escola e as famílias poderão ser dadas a esses representantes, mas, inicialmente, seu principal papel seria ajudar o colégio a lidar com o novo cenário de convivência entre as pessoas trazido pela internet e sua forma de se relacionar com a escola dos filhos.

8. Apresentação dos resultados e produtos da pesquisa

Em nossa investigação, não ficou claro que haja, por parte da escola, formas sistematizadas de envolvimento das famílias – como reuniões de pais, normalmente apenas uma vez por ano, e contato com os orientadores de aprendizagem, que parecem não ser suficientes – e, mais preocupante, as famílias ainda não têm acesso a importantes documentos identitários do colégio. É nesse sentido que a formação de um grupo mais engajado com a escola – capaz de atuar como divulgador da identidade institucional dentro dos grupos de WhatsApp – parece ser uma forma estratégica do colégio se fazer presente dentro dessa plataforma, mas sem legitimar o WhatsApp como um espaço formal de interação com a escola. De trincheiras de enfrentamento à escola, os grupos de WhatsApp podem tornar-se espaços de criação de parceria entre a escola e a família.

Tornar a comunicação em algo estratégico e criar formas de se dar a conhecer sem se contaminar com os vícios de origem dos novos canais de comunicação do mundo digital é uma questão de sobrevivência não só para as escolas da Companhia de Jesus, mas também para todos os espaços educativos. Estar no mundo da educação exige que se conheça a nova lógica que governa a forma como as pessoas se relacionam entre si e com as instituições, quaisquer sejam elas – inclusive, e por que não, principalmente, a escola.

Referências

APPLE, M. W. **Política cultural e educação**. São Paulo: Cortez, 2000.

COLÉGIO LOYOLA. **Projeto Político-Pedagógico**. Belo Horizonte: Colégio Loyola, 2023a.

COLÉGIO LOYOLA. **Regimento Escolar.** Belo Horizonte: Colégio Loyola, 2023b.

COMISSÃO INTERNACIONAL DO APOSTOLADO DA EDUCAÇÃO JESUÍTA (ICAJE). **Colégios jesuítas**: uma tradição viva no século XXI. Roma, Itália: ICAJE, 2019. Disponível em: https://www.flacsi.net/wp-content/uploads/2021/10/ColegiosJesuitasUmaTradicaoVivanosecXXI.pdf. Acesso em: 15 jan. 2024.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo, 2021.

PARO, V. H. **Educação como exercício do poder**: crítica ao senso comum em educação. São Paulo: Cortez, 2014.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **O Projeto Educativo Comum**. Rio de Janeiro: Rede Jesuíta de Educação, 2021. Disponível em: https://redejesuitadeeducacao.com.br/pec/. Acesso em: 5 jan. 2024.

RUIZ, C. M. M. B. Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas. **Cadernos IHUideias**, ano 19, v. 19, n. 314, p. 4-19, 2021. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/314cadernosihuideias.pdf. Acesso em: 16 maio 2023.